

Em torno das especificidades do marxismo de Domenico Losurdo

João Carlos Graça

(Socius, ISEG-UL)

O filósofo italiano Domenico Losurdo é, sem qualquer dúvida, um dos mais importantes pensadores da viragem de século XX/XXI, tendo a sua obra constituído um dos mais notáveis empreendimentos de renovação e aprofundamento da tradição intelectual reclamando-se de Karl Marx.

A respeito das especificidades do marxismo de Losurdo, e admitindo embora a necessidade de circunstancialmente desconsiderar aspetos em si mesmos todavia importantes, afigura-se-me de imediato dever sublinhar:

a) A atenção dada ao problema do eurocentrismo da análise. Em concreto, a importância crucial de ultrapassar a noção oitocentista de “povos sem história”. Ao mesmo tempo, deve sublinhar-se que essa preocupação não desemboca num qualquer culto pós-moderno da “diferença”, bem pelo contrário, sendo integrada e balizada pela firmeza e pelo fôlego acrescido do universalismo de Losurdo, e da sua preocupação com o horizonte da “humanidade comum”.

b) O reconhecimento explícito, por Losurdo, das componentes “não-económicas” dos dispositivos sociais de submissão, mesmo nas sociedades liberais-capitalistas típicas ou “maduras”, isto é, o carácter bem mais amplo desses dispositivos, para além duma qualquer simples “acumulação primitiva do capital”.

c) Na verdade, o carácter de simultânea emancipação e “desemancipação” que caracteriza, globalmente considerada, a história das sociedades liberais-capitalistas; e a importância, nesse contexto, da luta permanente pela democracia. São cruciais, neste âmbito, o reprocessamento losurdiano do conceito de “bonapartismo” e a sua noção de “monopartidarismo competitivo”.

d) Neste contexto, é igualmente digno de destaque a consciência de Losurdo quanto à importância, para o “marxismo realmente existente”, de ultrapassar a sua carga messiânica-apocalíptica, oficialmente apostada no “desaparecimento progressivo do Estado”, carga que o tem ao longo dos tempos tornado presa fácil de tendências libertárias-anarquizantes, incapaz portanto de gerir dentro de limites razoáveis a compreensível diferença de opiniões no seu seio, e incapaz também de absorver, reprocessando-as criativamente, as lições “liberais” da importância dos contrapesos políticos, do predomínio dos princípios do “Estado de direito” e afins.

e) Em paralelo com a alínea anterior, é também digna de nota a recuperação losurdiana da figura de Hegel para a tradição marxista, no âmbito duma clara preocupação de ligar a história deste aos combates pela emancipação que se filiam conscientemente na revolução francesa. Quanto a isto, deve

bem assim mencionar-se a recuperação a que Losurdo procede do legado Kant; e por contraste (e embora em menor grau), a sua quase permanente atitude de reserva face a Fichte.

f) Igualmente importante é a sua exposição crítica das ideias de Heidegger, ligando-as à “ideologia de guerra” alemã de 1914-18, e mais ainda o seu mapeamento intelectual de Nietzsche, contribuindo assim decisivamente para evitar as enormidades filiando-se nas costumeiras imposturas “soixante-huitardes” e “post-soixante-huitardes”.

g) É bem assim merecedor de menção o seu tratamento do caso do marxismo de Gramsci: para além de reconstruir uma evolução individual que foi determinante para a história do marxismo e do movimento comunista na Itália, e nesse sentido em boa verdade também para a formação ideológica do próprio Losurdo, é importante destacar desde logo que não se trata, e porque é que não se trata, neste caso, duma qualquer imaginária variedade de “marxismo ocidental”.

h) Importante é também o reconhecimento losurdiano da magnitude e perenidade do fenómeno que são as nações e os nacionalismos; aliás, da própria imbricação estreita, a nível mundial, das lutas sociais com as lutas pela emancipação nacional.

i) Neste contexto é, enfim, interessantíssima a discussão a que procede da figura de Stalin e, de forma mais geral, da história da URSS. O “caso Stalin” reveste-se de importância crucial, entre outras razões, quer pela sua articulação direta com as questões nacionais, quer pela necessidade imperiosa, para o marxismo (ver acima, alínea d), de ultrapassagem consistente da sua tradicional carga messiânica-apocalíptica.